

Saberes interculturais em ação: Oficina interativa de enfermagem aos cuidados menstruais com mulheres Munduruku na aldeia Kainã

Intercultural knowledge in action: An interactive nursing workshop on menstrual care with Munduruku women in the Kainã village

Conocimiento intercultural en acción: Un taller interactivo de enfermería sobre el cuidado menstrual con mujeres Munduruku en la aldea de Kainã

Recebido: 14/11/2025 | Revisado: 22/11/2025 | Aceitado: 22/11/2025 | Publicado: 23/11/2025

Ana Carla dos Santos Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8238-5478>
Faculdade de Tecnologia da Amazônia, Brasil
E-mail: anacarlaenf2017@gmail.com

Antônia Eduarda da Silva Aguiar

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2467-6740>
Faculdade de Tecnologia da Amazônia, Brasil
E-mail: duda.aguiar.libanio0520@gmail.com

Beatriz de Souza Mouta

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7647-8742>
Faculdade de Tecnologia da Amazônia, Brasil
E-mail: beatrizmouta21@gmail.com

Danycelia Oliveira de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9936-1825>
Faculdade de Tecnologia da Amazônia, Brasil
E-mail: danyceliaoliveira@gmail.com

Emanuelly Rodrigues Martins

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3427-462X>
Faculdade de Tecnologia da Amazônia, Brasil
E-mail: emanuellymartins1408@gmail.com

Luane Vitória Soares Bahia

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1385-0366>
Faculdade de Tecnologia da Amazônia, Brasil
E-mail: luanebahia10@gmail.com

Maria Eduarda Queiroz de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7608-6845>
Faculdade de Tecnologia da Amazônia, Brasil
E-mail: maria.queiz2003@gmail.com

Pabloena da Silva Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1027-1224>
Faculdade de Tecnologia da Amazônia, Brasil
E-mail: pabloena.pereira@fatecamazonia.com.br

Pamela Nathalie Gonçalves Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7943-284X>
Faculdade de Tecnologia da Amazônia, Brasil
E-mail: pamelanathalie.enf@gmail.com

Resumo

O cuidado de Enfermagem voltado à mulher indígena exige sensibilidade cultural e metodologias educativas que valorizem o saber tradicional e promovam o bem-estar integral. A presente pesquisa teve como objetivo desenvolver uma oficina interativa de Enfermagem sobre cuidados menstruais, fortalecendo a autonomia feminina e a promoção da saúde integral. A metodologia consistiu em um relato de experiência com abordagem qualitativa, utilizando rodas de conversa, dinâmicas participativas e palestras dialogadas conduzidas por docentes e acadêmicos de Enfermagem. O projeto foi desenvolvido na Aldeia Kainã, com mulheres da etnia Munduruku, buscando promover o diálogo entre ciência e cultura no cuidado menstrual. Os resultados demonstraram que as participantes ampliaram seus conhecimentos sobre o corpo e o autocuidado, quebrando tabus relacionados à menstruação e passaram a compreender a importância da higiene íntima e da alimentação

saudável durante o ciclo menstrual. Conclui-se que ações educativas participativas são eficazes para promover a saúde feminina indígena e consolidar a Enfermagem como mediadora intercultural do cuidado.

Palavras-chave: Enfermagem; Educação em saúde; Saúde da mulher; Povos indígenas; Aldeia Kainã.

Abstract

Nursing care focused on indigenous women requires cultural sensitivity and educational methodologies that value traditional knowledge and promote holistic well-being. This research aimed to develop an interactive nursing workshop on menstrual care, strengthening female autonomy and promoting holistic health. The methodology consisted of an experience report with a qualitative approach, using discussion circles, participatory dynamics, and dialogued lectures conducted by nursing professors and students. The project was developed in the Kainã Village, with women of the Munduruku ethnic group, seeking to promote dialogue between science and culture in menstrual care. The results demonstrated that the participants expanded their knowledge about the body and self-care, breaking taboos related to menstruation and coming to understand the importance of intimate hygiene and healthy eating during the menstrual cycle. It is concluded that participatory educational actions are effective in promoting indigenous women's health and consolidating nursing as an intercultural mediator of care.

Keywords: Nursing; Health education; Women's health; Indigenous peoples; Kainã village.

Resumen

La atención de enfermería centrada en las mujeres indígenas requiere sensibilidad cultural y metodologías educativas que valoren el conocimiento tradicional y promuevan el bienestar integral. Esta investigación tuvo como objetivo desarrollar un taller interactivo de enfermería sobre el cuidado menstrual, fortaleciendo la autonomía femenina y promoviendo la salud integral. La metodología consistió en un informe de experiencia con enfoque cualitativo, utilizando círculos de discusión, dinámicas participativas y conferencias dialogadas impartidas por profesoras y estudiantes de enfermería. El proyecto se desarrolló en la aldea de Kainã, con mujeres del grupo étnico Munduruku, buscando promover el diálogo entre ciencia y cultura en el cuidado menstrual. Los resultados demostraron que las participantes ampliaron su conocimiento sobre el cuerpo y el autocuidado, rompiendo tabúes relacionados con la menstruación y comprendiendo la importancia de la higiene íntima y la alimentación saludable durante el ciclo menstrual. Se concluye que las acciones educativas participativas son efectivas para promover la salud de las mujeres indígenas y consolidar la enfermería como mediadora intercultural del cuidado.

Palabras clave: Enfermería; Educación para la salud; Salud de la mujer; Pueblos indígenas; Aldea Kainã.

1. Introdução

O cuidado à saúde da mulher indígena é uma temática de crescente relevância no campo da Enfermagem e da saúde pública, sobretudo quando se considera a complexidade sociocultural, econômica, e territorial que influencia o processo saúde-doença desses povos (Ferraz et al., 2023; Paula, 2023).

No contexto indígena, a educação em saúde deve ir além da transmissão de informações biomédicas, incorporando estratégias culturalmente sensíveis que reconheçam os saberes e práticas tradicionais das comunidades (Prado, 2024). A problemática que originou a presente experiência refere-se a necessidade de promover conhecimento sobre o ciclo menstrual e autocuidado entre as mulheres da comunidade Munduruku, considerando que questões relacionadas a higiene menstrual, alimentação adequada, mitos e tabus ainda são pouco discutidas em ambientes comunitários, impactando diretamente o bem-estar físico, emocional e social dessas mulheres (Cechin & da Rocha, 2025).

A enfermagem, como campo de atuação voltado a promoção de saúde integral, desempenha papel fundamental na elaboração de ações educativas que conciliem a abordagem científica com práticas participativas, garantindo que o cuidado seja humanizado, inclusivo e intercultural (Vieira et al., 2024; Barros et al., 2025).

Nesse sentido, a realização de oficinas interativas tem sido reconhecida como uma estratégia eficaz para estimular a participação ativa, facilitar a fixação do conhecimento e fortalecer o protagonismo das mulheres na gestão de sua própria saúde (Prado, 2024). Tais atividades permitem a utilização de metodologias ativas, como práticas, que favorecem a troca de saberes entre profissionais de saúde e participantes, promovendo aprendizado significativo e integração comunitária.

Estudos recentes apontam que ações educativas direcionadas à saúde menstrual em comunidades indígenas promovem não apenas o conhecimento técnico, mas também a valorização da autonomia feminina e o fortalecimento de vínculos sociais e comunitários (Vieira et al., 2024; Ferraz et al., 2023).

A experiência relatada neste estudo buscou alinhar-se a essas práticas, com o objetivo de desenvolver uma oficina interativa de Enfermagem com mulheres Munduruku, abordando higiene íntima, cuidados durante o ciclo menstrual, alimentação, mitos e tabus, além de estratégias de autocuidado que possam ser empregadas à rotina das participantes de maneira culturalmente respeitosa.

A pertinência desta intervenção se evidencia a lacuna existente no acesso a informações estruturadas sobre a saúde menstrual para mulheres indígenas e na necessidade de ações que integrem o conhecimento científico às práticas comunitárias. Outras experiências semelhantes, conduzidas em diferentes etnias brasileiras, demonstram que a combinação de atividades participativas com o diálogo intercultural contribui para a efetividade da educação em saúde e para o fortalecimento do vínculo entre Enfermagem e comunidade (Vieira et al., 2024; Oliveira, Nahum-Claudel, & Martín, 2023).

Além disso, enfatiza-se a relevância do diálogo intercultural e da metodologia participativa, alinhando-se as recomendações de políticas Públicas de atenção à saúde indígena, que preconizam ações respeitosas à diversidade cultural e a autonomia da comunidade (Paula, 2023; Prado, 2024).

O presente estudo fundamenta-se em teorias de educação em saúde e promoção da saúde integral, considerando a abordagem da Enfermagem como promotora de saúde, preventiva e educativa. Nesse contexto, o presente relato busca descrever de forma sistemática a concepção, implementação e resultados preliminares de uma ação de saúde voltada à saúde e bem-estar da mulher indígena evidenciando tanto os aspectos metodológicos quanto os impactos percebidos pelas participantes.

A presente pesquisa teve como objetivo desenvolver uma oficina interativa de Enfermagem sobre cuidados menstruais, fortalecendo a autonomia feminina e a promoção da saúde integral.

2. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência (Gaya & Gaya, 2018), com abordagem qualitativa, descritiva e participativa numa pesquisa social (Pereira et al., 2018), e, que foi realizado em outubro de 2025 na Aldeia Kainã, localizada na região Amazônica, com a participação de mulheres da etnia Munduruku, acadêmicas extensionistas e docentes do curso de Enfermagem do Centro Universitário Fametro e Faculdade de Tecnologia da Amazônia (FATEC).

As atividades foram desenvolvidas em um espaço comunitário cedido pelas lideranças locais, iniciando-se com uma acolhida coletiva e apresentação das participantes, seguida por rodas de conversa, dinâmicas participativas e palestras dialogadas sobre temas como higiene íntima, mitos e tabus sobre a menstruação, alimentação saudável e práticas de autocuidado durante o ciclo menstrual. Foram utilizadas metodologias ativas, incluindo demonstrações práticas, exibição de materiais educativos e dinâmicas de grupo, para estimular a reflexão, o protagonismo feminino e a construção coletiva do conhecimento.

A metodologia adotada permitiu compreender o contexto sociocultural e a vivência das mulheres Munduruku em relação ao cuidado menstrual, além de evidenciar a importância da Extensão Universitária como ferramenta de integração entre o saber acadêmico e o saber tradicional. Dessa forma, a oficina consolidou-se como uma prática pedagógica e científica que promoveu educação em saúde, empoderamento feminino e fortalecimento da autonomia das mulheres indígenas dentro de uma perspectiva humanizada e intercultural. A seguir, a Figura 1 ilustra imagens do trajeto com os extensionistas e supervisores até a Comunidade aldeia Kainã:

Figura 1: Trajeto com os extensionistas e supervisores até a Comunidade aldeia Kainã.



Fonte: Acervo dos Autores (2025).

Durante toda a execução, buscou-se respeitar os aspectos éticos e culturais da comunidade indígena, assegurando a escuta ativa, a comunicação intercultural e o consentimento coletivo das participantes. O estudo seguiu as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, com o termo de aceite do Conselho Distrital de Saúde Indígena de Manaus (DSEI/MANAUS), formalizado por meio do Ofício nº 445/2025/CONDISI/DSEI/MANAUS.

3. Resultados e Discussão

Os resultados desta ação extensionista na Aldeia Kainã evidenciam que a oficina interativa de Enfermagem alcançou 15 mulheres indígenas, voltada à saúde menstrual e ao cuidado com o corpo feminino indígena proporcionou um espaço significativo de aprendizado, troca de saberes e valorização cultural.

Sob o aspecto social e cultural, observou-se que o reconhecimento dos valores, rituais e percepções corporais das mulheres Munduruku fortaleceu a identidade comunitária e o sentimento de pertencimento. Oliveira, Nahum-Claudel e Martín (2023) e Vieira et al., (2024), destacam que o corpo da mulher amazônica é também um território de expressão cultural, e sua valorização no cuidado em saúde rompe estigmas e amplia a autonomia feminina. As extensionistas, ao conduzirem dinâmicas educativas, promoveram diálogo respeitoso sobre tabus relacionados à menstruação, fortalecendo o vínculo entre enfermagem e comunidade.

A oficina interativa de Enfermagem realizada com as mulheres da comunidade, demonstrou impacto positivo tanto na percepção quanto na participação dos moradores e estudantes, evidenciando a relevância das ações de extensão em saúde. Durante as atividades, os acadêmicos conduziram paletsras, dinâmicas em grupo e rodas de conversas, promovendo interação

direta com os participantes, o que facilitou a fixação do conhecimento e engajamento da comunidade (Castro et al., 2025). Na Figura 2, mostra a roda de conversa sobre como a alimentação adequada contribui para a saúde íntima

Figura 2: Roda de conversa sobre como a alimentação adequada contribui para a saúde íntima.



Fonte: Acervo dos Autores (2025).

O resultado do questionário aplicado a todas as mulheres que participaram, indicam que a maioria considerou a situação da comunidade “boa” antes da intervenção, sugerindo que havia uma certa deficiência no conhecimento dos assuntos voltados a saúde da mulher, a grande maioria dos participantes afirmou que o aprendizado adquirido poderia ser aplicado no cotidiano da comunidade, demonstrando que a linguagem estabelecida pelos acadêmicos e professores envolvidos foram de fácil entendimento (Figura 3).

Figura 3: Participantes atentas ao conteúdo abordado.



Fonte: Acervo dos Autores (2025).

]Esses resultados corrobam evidências da literatura que apontam que estratégias participativas e dialógicas em saúde favorecem autonomia e protagonismo, fortalecendo o cuidado integral e intercultural promovido pela Enfermagem (Brito et al., 2024). Observou-se que a presença ativa dos acadêmicos contribuiu para a criação de um ambiente de aprendizagem dinâmico, estimulando a troca de saberes e consolidando o papel da Enfermagem.

No que se refere ao aspecto promocional da saúde, as atividades realizadas alinharam-se à proposta de Barros et al., (2025), que defendem práticas de autoatenção integradas à realidade sociocultural indígena. As participantes relataram maior compreensão sobre higiene íntima, alimentação e autocuidado durante o ciclo menstrual, além de melhora no bem-estar físico e emocional, conforme preconiza Cechin & da Rocha, (2025), ao abordarem o conceito de “bem viver” e saúde mental indígena. As metodologias participativas utilizadas pelas extensionistas favoreceram o protagonismo das mulheres e a fixação do conhecimento, reforçando o papel da Enfermagem como mediadora do cuidado integral (Duarte et al., 2025).

Quanto ao aspecto preventivo, a oficina demonstrou que o acesso à informação sobre o corpo e o ciclo menstrual contribui para prevenir infecções e desconfortos, conforme Brito et al., (2024), destacam em estudos sobre o perfil ginecológico de mulheres indígenas. A inclusão de atividades práticas e demonstrações sobre higiene menstrual ampliou a conscientização sobre a importância do cuidado preventivo e do respeito ao corpo feminino (Castro et al., 2025).

A oficina não apenas transmitiu informações sobre saúde feminina, mas também fortaleceu vínculos comunitários, fortaleceu a autonomia das mulheres com seu próprio corpo, demonstrando que intervenções e extensão, quando bem planejadas de forma participativa e culturalmente sensível, representam estratégia eficaz para a promoção da saúde integral em comunidades indígenas (Figura 4).

Figura 4: Extensionistas sanando as dúvidas pertinentes a saúde íntima feminina.



Fonte: Acervo dos Autores (2025).

Em relação às necessidades e reconhecimentos específicos da comunidade, foi possível identificar demandas por maior acesso a materiais de higiene e informação contínua sobre saúde reprodutiva. Duarte et al., (2025), observa que o empoderamento das mulheres indígenas na ciência é um caminho para o reconhecimento social e o fortalecimento da autonomia, enquanto Cechin & da Rocha (2025), ressaltam a vulnerabilidade imposta pela pobreza menstrual. Nesse sentido, a ação extensionista contribuiu para reduzir desigualdades, promovendo equidade e consciência crítica sobre direitos de saúde.

Sob a ótica das demandas e aspirações da comunidade local, Barros et al., (2025), indicam que o diálogo sobre corpo e território é essencial para compreender os desafios femininos na Amazônia. Durante a oficina, as extensionistas relataram o interesse das participantes em dar continuidade às atividades educativas e em receber orientações regulares de Enfermagem, demonstrando abertura para processos de formação comunitária e protagonismo feminino.

Por fim, quanto à minimização e resolução dos problemas encontrados, a experiência mostrou que a construção de soluções conjuntas e a escuta ativa são fundamentais. Oliveira, Nahum-Claudel e Martín (2023), enfatizam que a sustentabilidade da vida e os cuidados reprodutivos em comunidades indígenas dependem do protagonismo feminino e da

valorização do saber tradicional. A oficina gerou resultados concretos: melhoria do diálogo sobre o corpo, maior autonomia nos cuidados íntimos e fortalecimento dos vínculos entre comunidade e universidade. Dessa forma, a ação reafirma o papel transformador da Enfermagem na promoção da saúde indígena e na consolidação de práticas educativas culturalmente sensíveis e humanizadas (Castro et al., 2025).

4. Considerações Finais

A atividade proporcionou aprendizado prático e reflexivo, permitindo compreender os desafios do cuidado em contextos interculturais e a importância de metodologias ativas na promoção de saúde. Cada aluno pôde desenvolver habilidades de comunicação, planejamento de ações educativas, condução de atividades interativas e observação crítica do impacto de suas intervenções.

Além disso os alunos tiveram informações acessíveis e culturalmente adequadas, que podem ser aplicadas no cotidiano para melhorar a saúde menstrual, higienização e autocuidado demonstrando sempre respeito e cuidado as crenças tradições indígenas, reforçou a relevância do trabalho em equipe, promovendo vínculo com os colegas de turma e com os participantes. O projeto demonstrou que ações com o envolvimento da comunidade são eficazes no aprendizado de forma satisfatória e positiva.

Referências

- Barros, L. F., de Matos, T. A., da Silva Gonçalves, T. R., de Araújo, M. D. S. M., Leite, L. M. G., dos Santos Simbaiba, R. R. P., ... & Malheiros, A. F. (2025). *Desafios e oportunidades: a intersecção entre políticas de saúde, parasitologia e saúde ambiental em comunidades indígenas brasileiras*. Revista Políticas Públicas & Cidades, 14(1), e1455-e1455.
- Brito, C. E. D. S., Coelho, B. L. F., Santos, T. L. D., Marcelino, T. C. F. S., Rodrigues, L. G. D. S., Santana, M. E. D., ... & Pinheiro, A. D. S. (2024). *Compreensões sobre autocuidado íntimo com mulheres ribeirinhas: pesquisa qualitativa à luz do Sunrise Model*. Revista Brasileira de Enfermagem, 77, e20230364.
- Castro, N. J. C. D., Santos, R. A. D., Tembé, J. D. S., Araújo, J. D. S., Cordeiro, J. P. P., & Paes, F. T. (2025). *Processo de enfermagem em um serviço de atenção à saúde de populações indígenas*. Escola Anna Nery, 29, e20250041.
- Cechin, M. B. C., & da Rocha, C. M. F. (2025). *Sangrar é verbo: narrativas menstruais e os silêncios rompidos na literatura infantojuvenil*. Diversidade e Educação, 13(1), 1281-1305.
- Duarte, L. D. C., de Souza, S. M., Rocha, A. M. S., Barbosa, M. F. R., de Almeida Fernandes, E., Cabral, A. M., & de Souza, A. S. (2025). *Dignidade Menstrual na Adolescência: Relato de Experiência de um Projeto Extensionista com Pré-adolescentes em Vulnerabilidade Social*. Interference: A Journal Of Audio Culture, 11(2), 6090-6105.
- Ferraz, M.O.K., Van Der Neut, A.M., De Oliveira, B. C., & Gitirana, J. H. S. (2023). *Pobreza menstrual e a violação de direitos fundamentais: necessária atuação por políticas públicas*. In Sistema de Justiça, gênero e diversidades: Estudos e práticas sobre os impactos da pandemia covid-19 na vida das mulheres e as relações de gêneros Volume 3 (pp. 574-584). Editora Academia Judicial.
- Gaya, A. C. A & Gaya, A. R. (2018). *Relato de experiência*. Editora CRV.
- Oliveira, M. S. D., Nahum-Claudel, C., & Martín, J. G. (2023). *Corpo e Menstruação na Amazônia Indígena: uma síntese*. Revista Estudos Feministas, 31(3), e95367.
- Paula, B.S.L.D. (2023). *Movimentações políticas e produção científica: o cenário da pobreza menstrual no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- Pereira, A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM.
- Prado, I.C.D.A. (2024). *Políticas Públicas sobre a Saúde Menstrual no Brasil: Olhares pelas Lentes dos Movimentos Sociais da Menstruação*. Mediações, 29(1), e49150.
- Vieira, N.C., Araújo, F.C., & Garcia, D.A. (2024). *Cultura e discurso atravessados no corpo-mulher da Amazônia brasileira*. Fórum Lingüístico, 21(2).